

A voz da imprensa

Quando os marcos da história mundial seguem os passos dos veículos de comunicação

Para uma data marcar um ano, um período ou até mesmo um século, é necessária uma relevância mundial. Os acontecimentos que definem e moldam a história do mundo seguem uma lógica que, na maioria das vezes, sugerem uma nova realidade. A União Europeia adotando o euro como moeda única balançou a economia, o nascimento do Facebook nos apresentou uma nova forma de comunicação, a Primavera Árabe definiu uma onda de manifestações, a morte do Michael Jackson abalou o mundo da música e sustenta teorias até os dias atuais.

Porém, existe uma certa disparidade em o que de fato ocorre e como as informações são divulgadas. A entonação, a parcialidade, o envolvimento e apuração configura um poder à imprensa de também ditar o que fica marcado ou não, principalmente com o desenvolvimento da internet nos últimos anos. Em entrevista coletiva, durante o 20º de Jornalismo em Guerra e Violência Armada, o atual chefe de delegação da CICV (Comitê Internacional da Cruz Vermelha), Alexandre Formisano, explica a independência da rede humanitária, “...a imparcialidade é importante para chegarmos em lugares que outras pessoas não conseguem.”

É possível pensar no trabalho realizado pela instituição e nos pilares que a baseiam – independência, neutralidade, imparcialidade – e comparar com o poder das redes de comunicação em também ampliar a notoriedade de acontecimentos que precisam de mais reconhecimento. Apesar de no jornalismo até as escolhas das palavras nortear a notícia para uma direção parcial, isso não impede de a matéria explorar todos os ângulos e lados da história. Em entrevista à *Folha de SP*, em 2006, Caco Barcellos explica como funcionou a estreia do “Profissão repórter”, “...serão mostradas pautas que permitam simultaneidade e olhares diferentes”. Esse é o ponto que deve ser questionado.

Após 20 anos do ocorrido, 11 de setembro ainda é uma das datas mais marcantes para a história da geopolítica mundial. Entre posicionamentos oficiais e teorias que circulam e dão versão a debates sobre o ocorrido, não há dúvidas que a mídia teve um papel fundamental para esse dia. Para uma potência mundial como os Estados Unidos, os ataques demonstraram vulnerabilidade do país, chamando mais atenção para as causas defendidas por Bin Laden, porém, as massivas exposições das imagens do World Trade Center ajudaram a propagar a “Guerra ao terror”, intensificando o apoio das invasões do governo de Bush no Iraque e Afeganistão.

A cobertura realizada pelos EUA, entregava a população uma espécie de filme Hollywoodiano, em que as imagens e vídeos dominavam as transmissões estadunidenses e eram reproduzidas em outros países, inclusive no Brasil. A narrativa construída se esquivava de análises críticas ao que condicionou o ataque e intensificava o discurso adotado pela mídia estadunidense, sendo uma única visão. Não há justificativa para morte de milhares de pessoas para fins políticos ou na intenção de atingir um objetivo, mas para a grande mídia, o atentado teve apenas consequências e raramente eram citadas as causas.

Margaret Sullivan, colunista do *The Washington Post*, afirma que por muito tempo, ainda após o acontecido, os jornalistas se comportavam como se fizessem parte do governo.

Essa crítica explica o descrédito que a imprensa americana obteve junto aos anos que se seguiram: a falta de explorar outros lados. Várias matérias ditavam estereótipos xenofóbicos de povos muçulmanos, fomentando sua estigmatização. Em sequência, também não é visto uma cobertura parecida em relação a outros ataques ou tragédias ocorridas em diversos lugares do mundo.

Outro 11 de setembro importante aconteceu em 1973, mas sua repercussão não é nem de longe a mesma que a data cravada em 2001. Em 73, um golpe militar, liderado por Pinochet, derrubou o governo do socialista Salvador Allende e assolou o país em uma onda de repressão e censura. A semelhança entre as datas pode ser refletida nos interesses do EUA pela política externa, que além de competir com o Chile pelo espaço no mercado mundial de cobre, também não aprovava as reformas sociais que Allende pretendia estabelecer.

Assim, como as informações são divulgadas e difundidas para a população diz muito sobre o veículo de comunicação, em que até o silêncio é uma escolha bem pensada. As datas que marcam os anos revelam ainda mais a história do mundo e o jornalismo não escapa da responsabilidade e dever de contá-la também.